

CORPOS, ALGORITMOS E DISCURSOS: UMA LEITURA BAKHTINIANA DA VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO NAS REDES SOCIAIS

Natali Silveira

Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Karina Giacomelli

Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Adail Sobral

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar estratégias discursivas de deslegitimação do mandato da Deputada Federal Erika Hilton, a partir de manifestações de violência política de gênero materializadas em uma *fake news* que circula em plataformas digitais. Ancorado na Análise Dialógica do Discurso (ADD), fundamentada nas proposições do Círculo de Bakhtin, o estudo investiga enunciados do gênero notícia que, ao produzirem sentidos sobre o corpo e a atuação política da deputada, atualizam discursos transfóbicos, misóginos e conservadores, com vistas ao silenciamento e à tentativa de afastamento de sua atuação política. As bases teórico-metodológicas apoiam-se, sobretudo, nos conceitos de dialogismo e gêneros do discurso, compreendidos como práticas sociais historicamente situadas e atravessadas por embates ideológicos. A análise evidencia que as *fake news* a respeito da Deputada Erika Hilton mobilizam projetos enunciativos específicos, produzidos em momentos políticos estratégicos, nos quais a violência discursiva opera como mecanismo de exclusão e deslegitimação de vozes dissidentes nos espaços de poder. Conclui-se que, neste caso, a violência discursiva opera por meio de gêneros discursivos, que longe de serem reduzidos à textualidade, constituem-se nas relações dialógicas e se transformam conforme as necessidades dos sujeitos nas diferentes esferas da atividade humana.

Palavras-Chave: Dialogismo; Violência discursiva; Gêneros do discurso; Violência política de gênero.

BODIES, ALGORITHMS AND DISCOURSES: A BAKHTINIAN READING OF GENDER POLITICAL VIOLENCE ON SOCIAL NETWORKS

Abstract

This work aims to analyze discursive strategies for delegitimizing the mandate of Federal Deputy Erika Hilton, based on manifestations of gender-based political violence materialized in fake news circulating on digital platforms. Anchored in Dialogical Discourse Analysis (DDA), grounded in the propositions of the Bakhtin Circle, the study investigates news-related statements that, by producing meanings about the deputy's body and political actions, update transphobic, misogynistic, and conservative discourses, with a view to silencing and attempting to distance her from her political activity. The theoretical and methodological bases are primarily supported by the concepts of dialogism and discourse genres, understood as historically situated social practices traversed by ideological clashes. The analysis shows that the fake news regarding Deputy Erika Hilton mobilizes specific enunciative projects, produced in strategic political moments, in which discursive violence operates as a mechanism for excluding and delegitimizing dissenting voices in spaces of power. It can be concluded that, in this case, discursive violence operates through discursive genres, which, far from being reduced to textuality, are constituted in dialogical relations and transform themselves according to the needs of subjects in different spheres of human activity.

Keywords: *Dialogism; Discursive violence; Genres of discourse; Gender-based political violence.*

CUERPOS, ALGORITMOS Y DISCURSOS: UNA LECTURA BAKHTINIANA DE LA VIOLENCIA POLÍTICA DE GÉNERO EN LAS REDES SOCIALES

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar las estrategias discursivas de deslegitimación del mandato de la diputada federal Erika Hilton, a partir de manifestaciones de violencia política de género materializadas en noticias falsas que circulan en plataformas digitales. Basado en el Análisis Dialógico del Discurso (ADD), con base en las proposiciones del Círculo de Bajtín, el estudio investiga declaraciones noticiosas que, al producir significados sobre el cuerpo y las acciones políticas de la diputada, actualizan discursos transfóbicos, misóginos y conservadores, con el fin de silenciarla y distanciarla de su actividad política. Las bases teóricas y metodológicas se sustentan principalmente en los conceptos de dialogismo y géneros discursivos, entendidos como prácticas sociales históricamente situadas y atravesadas por choques ideológicos. El análisis muestra que las noticias falsas sobre la diputada Erika Hilton movilizan proyectos enunciativos específicos, producidos en momentos políticos estratégicos, en los que la violencia discursiva opera como mecanismo de exclusión y deslegitimación de las voces disidentes en los espacios de poder. Se puede concluir que, en este caso, la violencia discursiva opera a través de géneros discursivos, los cuales, lejos de reducirse a la

textualidad, se constituyen en relaciones dialógicas y se transforman según las necesidades de los sujetos en diferentes esferas de la actividad humana.

Palabras-clave: *Dialogismo; Violencia discursiva; Géneros de discurso; Violencia política de género.*

1. INTRODUÇÃO

A ampliação da presença de mulheres nos espaços políticos institucionais tem sido acompanhada pelo recrudescimento da violência política de gênero, especialmente contra aquelas que desafiam normas hegemônicas de gênero, sexualidade e pertencimento social. No Brasil, a eleição de Erika Hilton como a primeira deputada federal transvestigênera constitui marco histórico de representatividade, mas também evidencia os limites dessa inclusão, uma vez que sua presença no parlamento desencadeia intensas disputas simbólicas materializadas no discurso.

Desde o período eleitoral até o exercício do mandato, observa-se a circulação sistemática de fake news que articulam ataques à sua identidade de gênero à desqualificação de sua atuação política. Essas materialidades não se configuram como meros erros informacionais, mas como práticas intencionalmente produzidas e disseminadas em momentos estratégicos, revelando embates ideológicos próprios do cenário político contemporâneo. A linguagem, nesse contexto, torna-se espaço privilegiado para observar disputas de sentido que sustentam processos de silenciamento e exclusão simbólica.

A desinformação consolida-se como ferramenta central nas disputas por poder em sociedades midiaticizadas, sobretudo em ambientes digitais, nos quais regimes de visibilidade ampliam o alcance de narrativas falsas. Como aponta Recuero (2024), trata-se de um fenômeno sistêmico, articulado às dinâmicas das plataformas. No caso de figuras públicas que desafiam normativas de gênero e sexualidade, as fake news mobilizam discursos transfóbicos, misóginos e conservadores que visam à deslegitimação de sua presença política.

As estratégias discursivas acionadas — distorção de falas, manipulação de imagens e narrativas moralizantes — produzem efeitos que extrapolam a

desinformação, reiterando estigmas históricos dirigidos a pessoas trans. Trata-se de violência que se materializa no discurso, aqui compreendida como violência discursiva, pois opera por meio da valoração negativa, do apagamento de conquistas e da tentativa de negar legitimidade a vozes dissidentes.

Ancorado na Análise Dialógica do Discurso (ADD), a partir das proposições do Círculo de Bakhtin, este artigo parte da compreensão de que a linguagem é constitutivamente ideológica e de que todo enunciado se organiza a partir de um projeto de dizer orientado axiologicamente. Assim, as fake news analisadas são tomadas como acontecimentos sociais situados histórica e ideologicamente, nos quais se confrontam vozes sociais em disputa.

Nessa perspectiva, os gêneros do discurso desempenham papel central, pois se constituem nas relações dialógicas estabelecidas em esferas específicas de atividade humana. Ao se apropriarem do gênero notícia, as fake news mobilizam expectativas de veracidade e autoridade enquanto subvertem seus princípios éticos, produzindo efeitos de sentido que podem legitimar discursos de ódio travestidos de opinião política.

Em diálogo com estudos sobre violência política de gênero, compreendida como fenômeno estrutural das relações de poder, esta análise aproxima-se de Biroli (2018), que destaca estratégias de silenciamento e desqualificação dirigidas a mulheres na esfera pública, e de Perrot (2005), cuja reflexão histórica permite situar a presença de mulheres trans no parlamento como ponto de tensão em um espaço marcado pela masculinidade normativa. No ambiente digital, as contribuições de Miskolci (2012) auxiliam a compreender as plataformas como arenas simbólicas de disputa moral e política, nas quais a heteronormatividade é reafirmada e identidades dissidentes são marginalizadas.

2 - FAKE NEWS, AFETOS E ALGORITMOS: A DESINFORMAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PODER

A disseminação de *fake news* nas redes digitais não pode ser compreendida apenas como um problema de veracidade da informação, mas como uma prática discursiva que articula interesses políticos, ideológicos e afetivos. De acordo com

RECUERO (2021), as *fake news* devem ser analisadas a partir dos processos de circulação nas redes sociais digitais, onde os sentidos são co-construídos por comunidades discursivas que compartilham visões de mundo, afetos e posicionamentos sociais. Essas narrativas desinformativas não operam de forma isolada: elas se apoiam em estratégias de credibilização, como o apelo à emoção, a construção de inimigos simbólicos e a apropriação de gêneros discursivos já reconhecíveis, como reportagens, denúncias e opiniões.

Para além da falsidade do conteúdo, interessa compreender os efeitos sociais e políticos desses enunciados, sobretudo quando direcionados à deslegitimação de sujeitos públicos dissidentes. MISKOLCI (2012), ao discutir as dinâmicas sociotécnicas da internet e os regimes de visibilidade, afirma que os ambientes digitais reforçam formas de controle e normatização ao mesmo tempo em que ampliam a exposição de sujeitos subalternizados. No caso de pessoas LGBTQIA+, por exemplo, há uma amplificação tanto de sua voz quanto de sua vulnerabilidade, em um jogo tenso entre visibilidade e violência simbólica. As *fake news*, nesse sentido, operam como dispositivos de contenção, atuando na produção de discursos de ódio e exclusão travestidos de opinião ou crítica política.

Assim, no caso de Erika Hilton, a circulação de *fake news* com conteúdo transfóbico e misógino nas redes sociais não representa apenas um ataque individual, mas a atualização de formas estruturais de violência de gênero, sustentadas e intensificadas pela lógica algorítmica das plataformas. Tais discursos, quando analisados sob a perspectiva dialógica, revelam os conflitos entre vozes conservadoras, que tentam reafirmar a hegemonia cisheteronormativa, e vozes dissidentes, que desafiam as fronteiras históricas da política institucional e do reconhecimento social.

O fenômeno das *fake news*, ou notícias falsas, é uma das manifestações mais preocupantes da comunicação digital contemporânea. Trata-se da produção e disseminação deliberada de informações enganosas ou totalmente falsas com o objetivo de manipular a opinião pública, atacar figuras públicas, gerar cliques ou ganhos econômicos e, muitas vezes, promover agendas ideológicas específicas.

Apesar de o termo *fake news* ter se popularizado nos últimos anos, especialmente durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016, a prática da desinformação não é nova. O que a diferencia hoje é a velocidade, o alcance e o impacto potencial, proporcionados pelas redes sociais e plataformas digitais, que operam com algoritmos que favorecem conteúdos virais, independentemente de sua

veracidade. Segundo Recuero (2019), as *fake news* integram um ecossistema de desinformação no qual a credibilidade tende a ser construída menos por critérios de verificação factual e mais por elementos como repetição, apelo emocional e alto engajamento. A autora explica que:

Como os atores tendem a compartilhar informações baseadas em suas próprias crenças e percepções, especialmente em contextos polêmicos, a mídia social tende a apresentar redes de conversação extremamente polarizadas. Este fenômeno é representado pela constituição de polos opostos partidizados, pouco conectados entre si. Nisso, a estrutura das *fake news* como notícias 'verdadeiras' tem valor muito importante, pois cria narrativas que ecoam preconceitos e visões de mundo dos atores sociais (o chamado 'bias de confirmação') (RECUERO, 2019, p. 33).

Nesse cenário, as *fake news* não apenas desinformam: elas reforçam convicções ideológicas preexistentes e fortalecem discursos de ódio, especialmente contra grupos historicamente marginalizados. Isso é particularmente relevante quando se trata da violência discursiva direcionada a figuras políticas como Erika Hilton, cujas identidades de gênero e posicionamentos políticos desafiam normas estabelecidas e, por isso, tornam-se alvos frequentes dessas narrativas desinformativas.

A avaliação moral é uma estratégia retórica central na propagação de desinformação, pois busca legitimar o discurso não apenas por meio de dados ou autoridades, mas apelando diretamente aos valores, crenças e afetos do público. Segundo Recuero (2024), essa estratégia constrói narrativas baseadas em dicotomias morais simplificadas, como "bem vs. mal", "verdadeiros cidadãos vs. inimigos da pátria", "gente de bem vs. corruptos", entre outras oposições binárias. Dessa maneira, quem divulga a informação desinformativa assume o lugar de defensor do bem comum, enquanto os opositores, que criticam ou desmentem essas informações, são enquadrados como imorais, corruptos, perversos ou ameaçadores. Essa lógica permite não só reforçar a crença na desinformação, mas também deslegitimar qualquer tentativa de correção ou confronto argumentativo.

Um exemplo claro foi visto durante a pandemia, quando especialistas em saúde pública ou jornalistas que desmentiam *fake news* eram acusados de "estarem a serviço de interesses escusos", "quererem controlar a população" ou "impedirem a liberdade das pessoas". Assim, em vez de debater argumentos, o foco se desloca para julgar

moralmente os interlocutores, o que mina o diálogo e fortalece o engajamento afetivo com a desinformação.

A mitopoesia, para RECUERO (2024) é uma estratégia discursiva de legitimação da desinformação que opera por meio da criação de narrativas exemplares, baseadas em personagens, histórias ou “casos reais” que parecem comprovar, de forma emocional e subjetiva, a veracidade do conteúdo desinformativo. Segundo Recuero (2024), essa técnica transforma a informação falsa em mito, por meio da repetição de enredos que apelam à experiência vivida ou à tradição oral. Essas narrativas geralmente envolvem personagens comuns, como “uma mãe que salvou o filho”, “um médico perseguido por dizer a verdade” ou “um cidadão que descobriu o segredo que a mídia esconde”, servindo como “provas emocionais” de determinadas crenças ou ações. Ainda que não haja comprovação factual, essas histórias ganham força por parecerem autênticas, próximas da realidade das pessoas e impregnadas de sentido moral e afetivo.

Nos casos de desinformação dirigidos a Erika Hilton, evidencia-se de forma nítida a operação da avaliação moral enquanto estratégia retórica central na legitimação de narrativas falsas. As construções discursivas que a apresentam como “ameaça à família”, “subversora dos valores cristãos” ou “portadora de uma agenda destrutiva” não se fundamentam em evidências empíricas ou em autoridades verificáveis, mas mobilizam juízos de valor moral, configurando uma dicotomia maniqueísta entre “nós”, representado como cidadãos virtuosos, defensores da ordem social, e “eles”, associados à perversidade, corrupção ou desvio ético. Essa lógica binária desloca o debate do plano argumentativo para o campo afetivo e normativo, produzindo uma forma de violência discursiva que deslegitima qualquer tentativa de contestação ou correção factual. Os opositores da desinformação, nesse contexto, são frequentemente taxados de cúmplices de projetos imorais, reforçando a polarização e consolidando a adesão afetiva às narrativas desinformativas.

3 - A DINÂMICA DOS GÊNEROS DISCURSIVOS NAS ESTRATÉGIAS DE PROPAGAÇÃO DAS FAKE NEWS

“O gênero sempre é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo.” Bakhtin (1997, p. 106)

Os gêneros do discurso, segundo Bakhtin (2022, p.12), são definidos como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Eles se constituem pelas formas

recorrentes de uso da linguagem em situações comunicativas concretas e socialmente reconhecidas. Os gêneros se modificam para atender às necessidades desta sociedade.

Portanto, para o autor, os gêneros emergem das relações dialógicas estabelecidas na comunicação discursiva e se orientam por um determinado projeto enunciativo, no qual envolve a interação entre locutor, interlocutor e as condições específicas da situação de enunciação. Como estão vinculados às diversas esferas da atividade humana, os gêneros revelam-se tão variados e heterogêneos quanto essas próprias esferas. Nesse sentido, Bakhtin afirma que:

A riqueza e a diversidade dos gêneros são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Para o Círculo de Bakhtin, o que importa na análise do gênero não é apenas a forma linguística do texto, mas a finalidade comunicativa que orienta sua produção: informar, narrar, argumentar, divertir, denunciar, ordenar, entre outras possibilidades. Para Mikhail Bakhtin (1979, p. 261), "a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação", e ainda "todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem" (BAKHTIN, 1979, p. 261). Denomina-se como unidade temática de um gênero aquilo que ele diz e faz usando um texto:

A unidade temática pode ser criada usando-se os mais diversos textos. Se queremos fazer um pedido para se abrir a porta em um lugar fechado, podemos dizer 'Está bem quente aqui!', 'Que bafo!' ou 'Vocês não sentem calor?'; contudo, o tema do enunciado é 'Favor abrir a porta!' ou 'Abre a porta?'. Claro que também se pode dizer 'Favor abrir a porta!' ou 'Abre a porta?', mas o importante é perceber que o gênero é um pedido, mesmo que o texto possa ter todas essas possibilidades. Também temos de saber quem pode pedir a quem que abra a porta e em que tom a pessoa pode pedir. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 12)

Bakhtin elabora o conceito de gênero do discurso a partir das inter-relações da cadeia discursiva, na qual locutor e interlocutor participam de modo ativo e responsivo

em situações concretas de enunciação. Inseridos em esferas específicas da atividade humana, os gêneros são definidos como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 262), mobilizados conforme as necessidades reais de comunicação.

Essa perspectiva é fundamental para compreender a circulação de fake news na esfera digital. Ao se apropriarem do gênero notícia, esses discursos acionam a memória social de veracidade e autoridade, mas reorientam axiologicamente o enunciado para fins de desinformação e desqualificação. O reconhecimento do gênero, portanto, implica analisar os valores que atravessam o enunciado e a posição sujeito que nele se inscreve.

As condições concretas de enunciação evidenciam essa dinâmica. Uma fala jocosa, proferida por um amigo em contexto privado, produz sentidos distintos quando deslocada para a esfera pública digital sob a forma de denúncia ou informação. Ao ampliar o horizonte de interlocutores e alterar sua valoração axiológica, o enunciado deixa de operar como brincadeira e passa a funcionar como estratégia de deslegitimação. Desse modo, o sentido constitui-se nas relações dialógicas, nas posições sociais dos sujeitos e nas esferas em que o discurso circula.

A figura 1, a seguir, ilustra a discussão sobre os elementos responsáveis por realizar os gêneros do discurso:

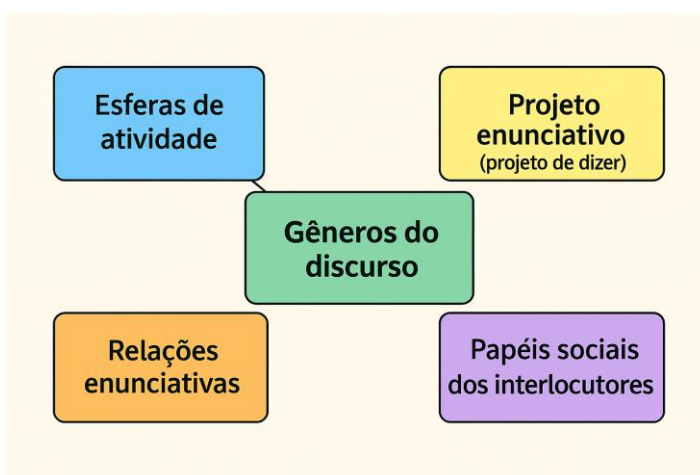


Figura 1 – Elementos responsáveis pela realização dos gêneros do discurso

Fonte: esquema elaborado pela autora

Compreende-se a linguagem como um fenômeno constituído na interação com o outro e com o mundo externo, havendo, portanto, sempre a presença de um “outro” no entremeio. Além disso, a linguagem é indissociável de seu conteúdo ideológico, uma vez que todo enunciado carrega valores e significados que ultrapassam a materialidade das palavras, tendo em vista que:

Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano (VOLOCHINOV, 2017, p. 181).

No contexto das redes sociais, as fake news se apropriam de gêneros discursivos relativamente estabilizados, como o da notícia jornalística, para simular credibilidade. Essa estratégia relaciona-se ao que Bakhtin (2003) denomina projeto de dizer: a intencionalidade que orienta forma e conteúdo do enunciado, sempre atravessada por valoração axiológica. Todo discurso é endereçado a alguém de determinada maneira e responde a um projeto enunciativo específico. Assim, a fake news não é produto casual, mas construção orientada por escolhas lexicais, composicionais e estilísticas que visam direcionar a interpretação do interlocutor.

Quando um sujeito mobiliza o gênero notícia para veicular informação falsa, não se trata da dissolução dos parâmetros do gênero, mas de sua reorientação axiológica. A relativa estabilidade permanece como moldura, enquanto o projeto de dizer desloca seus princípios éticos e informativos. O projeto enunciativo, portanto, constitui-se como tentativa de realização de uma intenção discursiva que pode ou não produzir os efeitos pretendidos, uma vez que o sentido se constrói na relação dialógica com o outro.

Nesse sentido, propomos, neste trabalho, uma leitura da “atividade arquitetônica autoral” proposta por Sobral (2006), para refletirmos sobre como o locutor utiliza estratégias específicas para se relacionar com seu interlocutor, de modo a concretizar seu projeto de dizer. Essas estratégias, chamadas por Sobral de “relações interlocutivas” (ou “formas de interlocução”), correspondem às escolhas que o sujeito

faz na construção de seu discurso. Elas se realizam por meio de recursos próprios de um ou mais gêneros discursivos, mobilizando tanto as formas da língua quanto as formas de organização textual. Desse modo, o texto é entendido como um objeto material em que se manifestam essas formas linguísticas e textuais, que convergem para os objetivos discursivos e genéricos do enunciado. Para tornar mais clara minha proposta, apresento, a seguir, a definição elaborada por Sobral acerca da atividade arquitetônica autoral:

A atividade arquitetônica autoral tem como base o que chamo, à falta de melhor expressão, de “relações interlocutivas” (ou “formas de interlocução”). Defino “relações interlocutivas” (ou “formas de interlocução”) como as estratégias específicas a que o locutor recorre – em sua relação necessária com o interlocutor e o objeto em construção no discurso, para propor a realização de um dado projeto enunciativo. Essas estratégias são empregadas por meio da mobilização de dispositivos enunciativos vinculados com um dado gênero, ou com certo número de gêneros e têm por material as formas da língua e as formas de textualização, e estas se vinculam com o gênero, a partir dessas relações interlocutivas, ou formas de interlocução”, mediante a formação de discursos, parte de discursividades (ou o discurso entendido como conjunto de discursos concretos). O texto é entendido assim como objeto material em que se manifesta um dado conjunto estruturado de formas da língua e formas de textualização que convergem para os fins discursivos-genéricos de todo discurso dado (SOBRAL, 2006, p. 1-2 [grifos no original]).

No caso específico das *fake news* dirigidas à deputada Erika Hilton, observa-se a apropriação de um gênero informativo (a notícia), utilizado não para informar, mas para desqualificar, atacar e reforçar estereótipos transfóbicos e políticos. Essas estratégias discursivas revelam um projeto de dizer discriminatório, que visa não apenas comprometer a imagem pública da parlamentar, mas também reforçar uma ordem simbólica que busca afastar mulheres trans dos espaços institucionais de poder.

Os diferentes gêneros do discurso entram para o repertório linguístico do falante a partir de sua participação na sociedade. Em outras palavras, não é através do ensino formal, nos espaços institucionais, por exemplo. É por meio do engajamento do sujeito nas diversas situações de uso da língua, em uma determinada sociedade, que ele aprende a reconhecer quais comportamentos são adequados diante dos diferentes gêneros do discurso com os quais terá contato ao longo da vida. Essa vivência social

possibilita ao falante não apenas identificar os gêneros, mas também desenvolver as habilidades necessárias para mobilizá-los nas mais variadas situações de comunicação discursiva.

A realidade é múltipla, e a língua, assim como os discursos, se materializa em diferentes gêneros. Não há dúvida de que o conceito bakhtiniano de gênero do discurso está consolidado nos estudos da linguagem, ainda que nem sempre seja compreendido em sua relação com o conjunto da obra do Círculo (cf. Brait; Pistori, 2012). Para retomar sua relevância, recordemos as palavras de Medviédev:

[...] a realidade do gênero é a realidade social de sua realização no processo da comunicação social. Dessa forma, o gênero é um conjunto de meios de orientação coletiva na realidade, dirigido para seu acabamento. Essa orientação é capaz de compreender novos aspectos da realidade. A compreensão da realidade desenvolve-se e origina-se no processo da comunicação social ideológica. MEDVIÉDEV (2012, p. 200)

Segundo Sobral (2009, p. 46), o conceito de gênero vai além da simples consideração de formas linguísticas ou estruturas textuais fixas. Para ele, “todo gênero é discursivo por definição”, pois se constitui como uma prática social estabilizada, que opera na produção de sentidos por meio da linguagem. Nessa perspectiva, os gêneros não podem ser compreendidos apenas a partir da significação abstrata que a língua oferece, como fazem abordagens mais centradas no sistema linguístico. É fundamental considerar a dimensão do uso, ou seja, o modo como os textos são produzidos, circulam e são apropriados em contextos concretos de interação.

Sobral destaca que a estrutura composicional de um texto e seus aspectos temáticos só ganham sentido quando articulados ao seu projeto de dizer, ao contexto de produção e à valoração que os sujeitos envolvidos atribuem ao enunciado. Assim, os gêneros são formas de organização discursiva que envolvem elementos temáticos, composicionais e estilísticos, mas que só se efetivam no plano concreto da enunciação, onde sujeitos reais interagem, com intenções, posições ideológicas e condições sociais específicas.

Bakhtin (2016), aponta que as mudanças históricas dos estilos de linguagem são ligadas às mudanças dos gêneros do discurso. Os enunciados e seus tipos (sempre tratados como gêneros discursivos) são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum novo fenômeno da língua, seja ele

gramatical, fonético ou lexical, pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um longo e complexo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. Por isso, “Onde há estilo há gênero”. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o caráter do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como também destrói ou renova tal gênero. (Bakhtin, 2016, p. 21).

Como afirma Bakhtin (2003, p. 307), “todo enunciado vive enquanto participa do diálogo social”, o que significa que nenhum enunciado é neutro ou isolado. Ele está sempre inserido em uma cadeia de enunciados e carrega valores ideológicos. Nesse sentido, as *fake news* não operam de forma descontextualizada: elas dialogam com discursos anteriores, de cunho transfóbico, conservadores, moralizantes, e são reatualizadas por sujeitos que compartilham essas visões em contextos marcados por disputas políticas e simbólicas.

4 - TRAVESTI MINISTRA DA MULHER E DA FAMÍLIA? O USO DO PÂNICO MORAL COMO ESTRATÉGIA DE DESINFORMAÇÃO ELEITORAL.

A notícia analisada surgiu durante o período eleitoral de 2022, afirmando que Erika Hilton seria indicada como ministra, caso Luiz Inácio Lula da Silva vencesse as eleições, informação sem qualquer base oficial ou confirmação. A notícia foi postada na rede social Instagram e amplamente divulgada através do WhatsApp em 07/10/2022, 5 dias após Érika Hilton ter sido eleita a primeira Deputada Federal trans do Brasil, e 23 dias antes do segundo turno das eleições presidenciais, em que disputavam o cargo Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro. Não temos acesso a mensagens de whatsapp na íntegra, pois foram excluídas das redes sociais após a “notícia” ser oficialmente declarada *fake News*. Por isso, analisaremos um print da notícia, disposto pelo site Terra



Figura 2: Primeira Travesti eleita deputada como ministra da mulher, da família e dos direitos humanos (Fonte: Terra – 07/10/2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/e-falso-queerikahiltonfoiconvidadaparaministerionogovernolula,2c1155434f0bc6717a29fcb2fe751eclop1s.html>)

A notícia fala da suposta indicação de Erika Hilton como Ministra, mas é atravessada por sentidos ideológicos que emergem da esfera política e midiática. O texto não busca transmitir uma “notícia neutra”, mas sim insinuar que uma travesti, deputada eleita, ao assumir um cargo de poder, promoveria medidas como a educação sexual infantil, cirurgias de silicone gratuitas, além de bolsa de apoio financeiro para pessoas trans.

Para Bakhtin e Volochinov, o sentido é um dos problemas mais complexos da Linguística, conforme Volochinov:

Por conseguinte, o tema do enunciado é constituído não apenas pelas formas linguísticas que o constituem- palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação-, mas também pelos aspectos extraverbais da situação. Sem esses aspectos situacionais, o enunciado torna-se incompreensível, assim como aconteceria se ele estivesse desprovido

de suas palavras mais importantes. O tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence. VOLOCHINOV, 2017, p.228

Para o Círculo, o conceito de tema não é o mesmo conceito de tema dos gêneros textuais gramaticais, como o tema da notícia é noticiar, o tema das HQs é entreter, etc. Para o Círculo, o tema é a posição a partir da qual o locutor diz o que quer dizer. “O tema é o limite superior, real, do significar linguístico; em essência, apenas o tema designa algo determinado” (Volochinov, 2017, p.231).

O tema central da notícia não é a nomeação política em si, mas a associação entre a identidade de gênero de Erika Hilton e uma suposta ameaça à ordem social. Nesse enunciado, o projeto de dizer não se orienta pela lógica da informação, mas pela lógica da produção discursiva de medo e rejeição, configurando-se como uma estratégia de pânico moral.

A valoração presente é fortemente negativa: ao apresentar a possibilidade de que uma travesti ocupe o cargo de “Ministra da Família e da Mulher”, o discurso reforça estereótipos de inadequação e inaceitabilidade, construindo a imagem da parlamentar como risco simbólico E Concreto à moral e aos valores hegemônicos da sociedade. Nesse sentido, a *fake news* não apenas cria um boato político, mas mobiliza afetos sociais de estranhamento e ódio, projetando dizeres que visam deslegitimar a candidata. O enunciado dialoga com discursos conservadores já circulantes na esfera pública, apropriando-se deles e ressignificando a disputa eleitoral como uma disputa moral. Assim, a figura política de Erika Hilton é deslocada para além da arena política e transformada em objeto de disputa ideológica, em que sua identidade de gênero passa a ser o marcador central de rejeição.

A travestilidade é marcada por escolhas lexicais com uma carga negativa, associada a exageros e distorções. Percebe-se que “As marcas linguísticas dessa enunciação é que vão ser as ‘responsáveis’ por indicar a relação enunciativa que se estabelece no texto” (Sobral; Giacomelli, 2016, p. 65). Ao analisar um enunciado proferido, é imprescindível compreender a posição valorativa do falante, pois todo dizer é atravessado por juízos, afetos e intenções que ultrapassam o simples conteúdo das palavras.

A valoração se manifesta na escolha lexical, no tom, na entonação e no modo como o enunciado se dirige ao outro, revelando a orientação axiológica que sustenta o discurso (Sobral; Giacomelli, 2016, p. 65). Assim, não se trata apenas de identificar o que foi dito, mas de perceber com que valor, em que direção ideológica e com qual carga avaliativa o dizer foi construído. É imprescindível ressaltar a importância de compreender a valoração que organiza o enunciado. A escolha de termos como “Travesti”, “Ministra da mulher, da família e dos direitos humanos”, a forma de enunciação e a direção axiológica mobilizada revelam não apenas o que se diz, mas como e com qual intenção avaliativa se diz. No caso dessa *fake news* envolvendo Erika Hilton, a valoração se constrói no campo do pânico moral, pois atribui à identidade de gênero da deputada o papel de ameaça à ordem social e aos valores tradicionais. Assim, o enunciado não informa, mas antes busca produzir sentidos de medo e rejeição, orientando o leitor a assumir determinada posição valorativa.

A partir da consideração de que o signo ideológico traz uma avaliação social, pode-se dizer que “não recebemos palavras neutras da língua, mas signos que vêm de pessoas reais e revelam uma valoração, ou avaliação, do que é dito” (Sobral e Giacomelli, 2016). Nesse sentido, afirma Volóchinov

Qualquer palavra realmente dita não possui apenas um tema e uma significação no sentido objetivo conteudístico dessas palavras mas também uma *avaliação* pois todos os conteúdos objetivos existem na fala viva são ditos ou escritos em relação a certa ênfase valorativa. Sem uma ênfase valorativa não há palavra. O que então seria a ênfase e qual seria a sua relação com o aspecto objetivo da significação?
VOLOCHINOV, 2017, P.233

Nesses termos, compreendemos que um possível mandato de Erika Hilton como Deputada, na notícia, é qualificado como negativo, no âmbito de um projeto enunciativo persuasivo difamatório. É o que vemos, por exemplo, no seguimento:

“Educação sexual para crianças a partir de 6 anos em todas as escolas públicas do país”

A proposta de inserir a educação sexual nas escolas para as crianças inegavelmente causa pânico moral na sociedade, Ao sugerir que seria uma educação

“anormal”, pois já existe educação sexual nas escolas. Essa alegação vem em um enunciado estruturado para produzir desconfiança, medo e indignação moral em relação à candidata trans.

A presença de mulheres trans em espaços de poder representa uma ruptura significativa com padrões históricos de exclusão e marginalização. Ao ocupar cargos políticos, essas mulheres não apenas ampliam a representatividade, mas também desafiam normas sociais e institucionais que tradicionalmente associam liderança e autoridade a corpos cisgêneros. Conforme Miskolci:

Em outras palavras, consideramos que a gramática política que envolve a noção ‘ideologia de gênero’ opera na lógica dos fenômenos que a sociologia denomina de pânico morais, reconhecíveis quando emerge a retórica da sociedade sob ameaça.
MISKOLCI, 2017

Podemos refletir sobre a atuação de mulheres trans na política, que inaugura novos horizontes discursivos, possibilitando que experiências historicamente silenciadas encontrem espaço de legitimidade no debate público. Essa inserção tensiona discursos hegemônicos, evidencia a necessidade de políticas públicas voltadas à equidade e reafirma o caráter democrático da política, que deve refletir a pluralidade social em sua totalidade. Através desse viés, o pânico moral surge como uma estratégia de legitimação dos partidos e da oposição como um todo.

Afinal, o que jaz por trás dessa batalha, já que pânico morais costumam chamar a atenção para uma suposta ameaça apenas como meio de se obter algo bem palpável. Em outros termos, cui bono? Quem se beneficia com a disseminação desse fantasma sobre supostas consequências negativas que adviriam da igualdade de gênero e da plena cidadania de homossexuais?
MISKOLCI, 2017

Ao se investigar a circulação dessas narrativas, percebe-se que o pânico moral não é um fenômeno espontâneo, mas uma estratégia discursiva planejada, mobilizada para manter privilégios de grupos hegemônicos e deslegitimar sujeitos que tensionam normas sociais, como mulheres trans e travestis. No caso das *fake news* eleitorais, esse mecanismo opera ao associar a diversidade de gênero a uma ameaça à família, à moral e à ordem, convertendo preconceitos em instrumentos de manipulação política. Assim, a retórica do medo cumpre dupla função: ao mesmo tempo em que reforça estigmas sociais, ela também consolida posições de poder, garantindo vantagens eleitorais e

ideológicas àqueles que propagam ou se beneficiam dessas narrativas. Outro seguimento é:

“Cirurgia de colocação de silicone gratuitamente pelo SUS”

O SUS é o sistema público de saúde do Brasil, criado para garantir atendimento a toda a população de forma gratuita e universal. Ele se destaca pela abrangência de serviços, que vão desde a atenção primária até procedimentos complexos, incluindo encaminhamentos a UPAs e hospitais. Além de tratar doenças, o SUS atua na prevenção, vacinação e promoção da saúde, sendo reconhecido internacionalmente como modelo de sistema de saúde completo e acessível. Essa “proposta” prevista em um possível mandato de Erika como Ministra, traz uma narrativa que se insere em uma série de desinformações que visam deslegitimar a atuação política de mulheres trans e travestis, associando-as a propostas que buscam ampliar direitos e acesso à saúde.

Como todo enunciado é uma resposta a um contexto social e histórico, esta *fake news* se configura como um enunciado que busca desqualificar a figura de Erika Hilton, associando-a a propostas que podem ser vistas como polêmicas ou inapropriadas. Além disso, a valoração implícita na notícia falsa sugere que mulheres trans e travestis não devem ocupar espaços de poder ou propor políticas públicas, reforçando estigmas e preconceitos existentes. Para compreender como os sentidos atribuídos aos enunciados circulantes podem reforçar ou deslegitimar figuras públicas, é necessário analisar o papel da avaliação na construção do significado. Nesse sentido, Volóchinov (2017) aponta que:

A significação objetual é formada pela avaliação, pois é ela que determina a inserção dessa significação objetual tanto no horizonte mais próximo quanto no mais amplo dos falantes desse grupo social. Além disso, a avaliação possui um papel criativo nas mudanças dos significados. Na verdade, a mudança da significação é sempre uma *reavaliação*: a transferência da palavra de um contexto valorativo para o outro. A palavra ou é elevada a uma potência superior ou é degradada a uma inferior (VOLÓCHINOV, 2017, p.237).

Em outras palavras: uma palavra só ganha sentido completo dentro das avaliações e valores que a comunidade lhe atribui. Neste caso, o SUS, como um grande patrimônio da população brasileira, não pode ser reduzido a uma política de privilégios ou favorecimentos individuais, mas deve ser compreendido em sua função social ampla,

de garantir saúde e cidadania a todos. Quando narrativas falsas, como a que associou Erika Hilton a cirurgias de silicone gratuitas, tentam distorcer seu papel, há uma transferência valorativa indevida: um serviço público universal e igualitário é reinterpretado em um contexto negativo, degradando sua significação e mobilizando preconceitos para fins políticos.

Ao analisar os enunciados selecionados, é importante contextualizar o tipo de conteúdo que circulou sobre a deputada Erika Hilton nas redes sociais. Entre os temas mais recorrentes estavam afirmações relacionadas à sua atuação política e às propostas que defende em favor da população trans. Um dos enunciados analisados, por exemplo, aborda questões como:

“Tornar crime o impedimento de mulheres trans utilizarem o banheiro feminino”; “Bolsa-travesti, que garante uma renda mínima para todas as mulheres trans de periferia”

Esses enunciados não apenas reinterpretam ou distorcem a atuação da deputada, mas também têm o claro interesse de gerar pânico moral, criando uma percepção de ameaça ou de desordem social relacionada às pautas defendidas por Erika Hilton. A partir da perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD), fundamentada nas concepções do Círculo de Bakhtin, é possível investigar como esses discursos se articulam com valores, intencionalidades e projetos de dizer, revelando os mecanismos de deslegitimação e silenciamento que atravessam as *fake news* direcionadas à deputada.

As pautas acima são exemplos de como a desinformação pode ser mobilizada como estratégia de deslegitimação. Conforme Recuero (2024, p. 43):

A compreensão da desinformação como o conteúdo intencional pode ser abordada de duas formas: como o conteúdo intencionalmente produzido para enganar, induzir ao erro ou produzir um determinado efeito sobre uma determinada população; como um conteúdo que é intencionalmente circulado na esfera das plataformas de mídia social para produzir certos efeitos; ou ambos. Porém, o mais importante neste debate no contexto específico deste livro, é talvez a ideia de que esse conteúdo produz dano. Ou seja, a desinformação é capaz de desconstruir o sistema social trazendo danos para os indivíduos (RECUERO, 2024, p.43).

No caso dos enunciados analisados, eles exageram ou distorcem iniciativas de proteção de direitos, apresentando como “injusta” ou “extrema” a ideia de garantir acesso seguro a banheiros. Essa manipulação não ocorre apenas nos trechos isolados, mas no conjunto do enunciado, que mobiliza preconceitos e cria pânico moral, sugerindo que a inclusão de mulheres trans nos banheiros femininos seria prejudicial ou ilegal. Ao fazer isso, o enunciado desvaloriza socialmente as demandas das mulheres trans, reforça estigmas e dificulta a implementação de políticas inclusivas.

Nesse sentido, o seguimento carrega valores negativos sobre mulheres trans, sugerindo que suas demandas violam direitos alheios ou representam uma ameaça à ordem social. Há uma tentativa explícita de degradar socialmente a figura da mulher trans, inserindo-a em um contexto de conflito, tensão e medo coletivo. O projeto enunciativo subjacente é, portanto, desacreditar e ridicularizar a atuação de Erika Hilton como deputada, questionando a legitimidade de suas propostas e sua representatividade. Essa estratégia produz pânico moral, ao induzir na população a sensação de que políticas de inclusão seriam supérfluas ou prejudiciais, reforçando a narrativa: “para que servem essas políticas? Não há mais com o que se preocupar no país?”. Assim, o discurso não se limita a desinformar, mas atua na esfera simbólica, manipulando valores sociais e dificultando a aceitação de direitos civis para mulheres trans.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão do espaço discursivo é, em minha concepção, um elemento sem o qual não podem ser explicadas as reações conservadoras de grupos organizados – nem talvez o “conservadorismo difuso” do presente [...] (BIROLI, 2016, p.68)

Ao elaborar este trabalho, buscamos inserir a discussão sobre a violência de gênero no meio político no campo da análise dialógica do discurso. Refletimos sobre

os processos de operacionalização dessa violência, sobretudo a partir das contribuições dos estudos de gênero, com atenção especial às formas como ela se manifesta nos espaços de poder. Nesse contexto, destacamos que as mulheres vêm, cada vez mais, ocupando lugares democraticamente conquistados, ainda que tais espaços sejam atravessados por práticas de exclusão e deslegitimação.

Assim, a partir dos conceitos-chave de Mikhail Bakhtin e do Círculo, compreendemos que o projeto enunciativo das *fake news* não se limita a simples informações distorcidas, mas constitui práticas discursivas orientadas por intencionalidades que buscam deslegitimar, silenciar e excluir sujeitos específicos da vida política. No caso analisado, essas práticas evidenciam a violência discursiva como elemento estruturante da circulação de notícias falsas, reiterando hierarquias de gênero e de sexualidade. Refletir sobre tais processos, portanto, não apenas ilumina os mecanismos de produção e disseminação do preconceito, mas também reafirma a importância de uma leitura crítica dos discursos que atravessam a sociedade, especialmente quando se trata de garantir a presença e a voz de mulheres trans no espaço democrático.

À luz da Análise Dialógica do Discurso, fundamentada nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, a análise da *fake news* que envolve a deputada Erika Hilton evidencia que o funcionamento discursivo desse enunciado se estrutura a partir de um projeto de dizer orientado não pela informação, mas pela produção de sentidos valorativos negativos. Tal projeto se materializa por meio da apropriação estratégica do gênero notícia, cuja relativa estabilidade é tensionada e reconfigurada para fins persuasivos e difamatórios, confirmando o caráter histórico, ideológico e situado dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011).

Conforme Volóchinov (2017), o tema de um enunciado não se reduz ao seu conteúdo semântico, mas corresponde à posição valorativa a partir da qual o locutor organiza o dizer em uma situação concreta de interação. Nesse sentido, o tema central da *fake news* analisada não é a suposta nomeação política de Erika Hilton, mas a construção discursiva de sua identidade de gênero como ameaça à ordem social. O enunciado se insere, assim, em uma cadeia dialógica mais ampla, dialogando com discursos conservadores e moralizantes já circulantes na esfera pública, os quais são reacentuados e atualizados no contexto das disputas políticas contemporâneas.

A valoração negativa que atravessa o enunciado se manifesta nas escolhas lexicais, na organização composicional e na direção axiológica do discurso, produzindo sentidos de pânico moral e rejeição. Como ressaltam Sobral e Giacomelli (2016), as marcas linguísticas do texto são indícios das relações enunciativas estabelecidas, revelando que todo dizer está atravessado por avaliações sociais e ideológicas. No caso analisado, propostas atribuídas à deputada, como educação sexual infantil, políticas de saúde ou garantias de direitos à população trans, são recontextualizadas de modo a sofrer uma reavaliação depreciativa, deslocando sua significação para um horizonte valorativo marcado pelo medo e pelo preconceito.

Essa reavaliação confirma a tese de Volóchinov (2017) de que a significação se constitui sempre em relação à avaliação social, sendo passível de elevação ou degradação conforme os contextos discursivos em que circula. Assim, elementos como o SUS ou políticas de inclusão, socialmente legitimados, são ressignificados de maneira negativa quando inseridos em um projeto de dizer que visa deslegitimar a atuação política de uma mulher trans. O enunciado, portanto, não apenas informa falsamente, mas atua na esfera ideológica ao reorganizar valores e afetos sociais.

Nesse quadro, o pânico moral opera como uma estratégia discursiva de manutenção de hegemonias simbólicas, conforme discutido por Miskolci (2017), ao associar a presença de mulheres trans em espaços de poder a uma ruptura inaceitável da ordem social. A *fake news* analisada cumpre, assim, uma função ideológica específica: desqualificar politicamente a deputada e, simultaneamente, reafirmar fronteiras normativas de gênero, cidadania e pertencimento social.

Por fim, a análise evidencia que as *fake news*, compreendidas como enunciados ideologicamente orientados, produzem efeitos que extrapolam a desinformação factual, incidindo sobre a construção simbólica de sujeitos e direitos. Ao revelar o funcionamento discursivo dessas narrativas a partir das categorias bakhtinianas de gênero, tema, valoração e projeto de dizer, este estudo contribui para a compreensão dos mecanismos de deslegitimação e silenciamento que atravessam a circulação de discursos sobre mulheres trans na esfera política, reafirmando a centralidade da linguagem como espaço de disputa ideológica e social.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad.: Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997[1929].
- BIRÓLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.
- BORRILLO, D. (2009). **A homofobia**. In: Diniz, D., & Lionço, T. (Orgs.) Homofobia e educação: um desafio ao silêncio (pp. 15-46). Brasília, Brasil: Editora UnB.
- BRAIT, B. **Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica**. Bakhtiniana, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-65, 2012.
- MEDVIÉDEV, Pavel Nikolaevitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.
- MISKOLCI, Richard. **Batalhas Morais: política identitária na esfera pública técnico midiática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021
- MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. **Ideologia de gênero: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo**. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 19, n. 44, p. 28-62, maio/ago. 2017.
- RECUERO, R.; GRUZD, A. **Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter**. *Galaxia*, São Paulo, n. 41, p. 31-47, maio/ago. 2019.
- RECUERO, R. **A Conversação em Rede: comunicação mediada pelo computador**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- RECUERO, Raquel. **#FraudenasUrnas: estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições 2018**. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 383-406, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6398202014635>

RECUERO, R. **A rede da desinformação:** Sistemas, estruturas e dinâmicas nas plataformas de mídias sociais. Porto Alegre: Sulina, 2024.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero:** as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOBRAL, A. **Ver o texto com os olhos do gênero: uma proposta de Análise.** BAKHTINIANA, v. 1, n. 1, p. 85-103: São Paulo, 2009.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. **Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD.** Domínios de Lingu@gem, v. 10, n. 3, ///2016, p. 1076–1094

SOBRAL, A. **A filosofia primeira de Bakhtin: roteiro de leitura comentado.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2019.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero. As bases do pensamento do círculo de Bakhtin.** Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOBRAL, A. **O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito.** Revista Bioetikhos, v.3, n.1, 2009.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. **Gêneros, marcas linguísticas e marcas enunciativas:** uma análise discursiva. In: SOBRAL, Adail; SOUZA, Sweder. Gêneros entre o texto e o discurso: questões conceituais e metodológicas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. **Observações didáticas sobre a Análise Dialógica do Discurso - ADD.** Domínios de linguagem. Uberlândia, v.10. n3, p. 1076-1094, jul./set., 2016.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. **O sentido como um vir a ser: apontamentos**

bakhtinianos sobre linguagem e realidade. Revista da ABRALIN, v. 18, n. 1, 27 ago.2019.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Natali SILVEIRA

Professora, possui graduação em Letras nas modalidades de bacharelado em Redação e Revisão de Textos, pela Universidade Federal de Pelotas, e licenciatura em Letras - Língua portuguesa e literatura, pela mesma instituição. Possui especialização em Orientação educacional e Psicopedagogia clínica e institucional. Atualmente, cursa mestrado acadêmico em Letras pelo programa de pós graduação (PPGL) da UFPel. Tem interesse nas áreas de Linguística aplicada, com foco no Círculo de Bakhtin, Análise Dialógica do Discurso e Ensino da Língua Portuguesa. Pesquisadora com foco de pesquisa em violência política de gênero e violência discursiva.

Karina GIACOMELLI

Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas, onde atua nos cursos de licenciatura e bacharelado em Letras e no Programa de Pós-graduação em Letras. Licenciada em Letras-Português pela Universidade Estadual de Maringá (1990), tem mestrado em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (2002) e doutorado também em Letras pela mesma universidade (2007). Realizou estudos pós-doutorais na Universidade Católica de Pelotas (2017). Tem interesse nas áreas de Linguística teórica e aplicada, com foco no Círculo de Bakhtin e Análise Dialógica do Discurso, ensino de língua portuguesa, livro didático, PIBID e Residência Pedagógica.

Adail SOBRAL

Bolsista de Produtividade em Pesquisa - PQ C- CNPq. Professor Adjunto da FURG - Universidade Federal do Rio Grande. Fez em 2017 estudos Pós-Doutorais na Université de Paris VIII - Vincennes Saint Dennis sobre a Filosofia do Ato de Bakhtin. Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006) Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (1999), Especializado em Linguística pela UNICAMP (1983), Graduado em Letras pela Universidade Federal da Bahia (1977) Tem experiência na área de Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: Gênero, Discurso, Dialogismo, Círculo de Bakhtin, Semiótica Geral e Greimasiana, Tradução e Interpretação, Filosofia da Linguagem.

Recebido em: 29. jan.2026

Aprovado em: 07.fev.2026